

# teatrerie <sup>19</sup> 14

Manifesto Autoprodotto dal Gruppo Evotrateale Integrato di Ricerca Patafisica Ygramul Le Mille Molte

Universidade Estadual de Campinas - 31 de março a 6 de abril de 2008

JORNAL DA UNICAMP

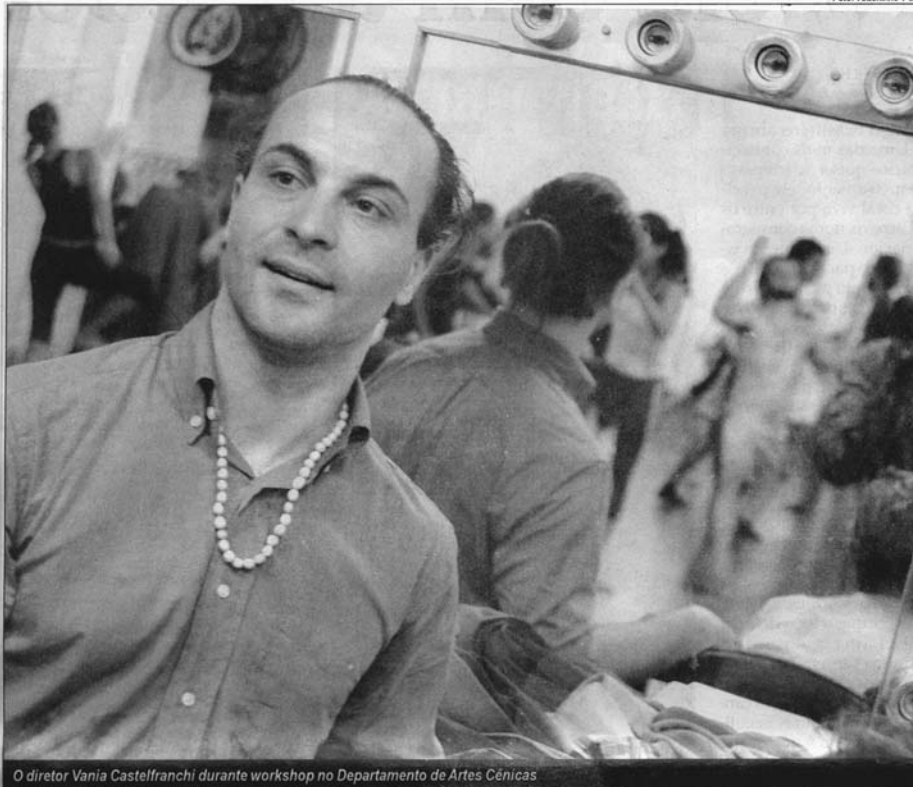
Diretor italiano fonde elementos cênicos em workshop dirigido a alunos do Instituto de Artes

## Arquétipos do teatro antropológico põem em cena linguagem universal

ALVARO KASSAB

kassab@reitoria.unicamp.br

A pesquisa move o teatro do diretor, ator e dramaturgo Vania Castelfranchi. A concepção de suas encenações coletivas está ligada diretamente ao teatro antropológico, mas – e até por isso – não deixa de absorver influências das mais diversas fontes – da Commedia dell'Arte a Beckett; de Grotowski a Artaud; de Brecht a Peter Brook. O envolvimento de Castelfranchi com a história do teatro é tão visceral que seu pré-nome é emprestado do personagem homônimo de Tchecov. A unir essa miríade de correntes, a maioria de forte apelo experimental, o encenador recorre a arquétipos cujas raízes são universais, fazendo a máscara milenar italiana migrar para tribos indígenas brasileiras. Castelfranchi esteve na Universidade, onde coordenou entre 12 e 14 de março workshop dirigido a alunos do Instituto de Artes (IA). Na entrevista que segue, o diretor fala dos fundamentos dos espetáculos encenados por seu grupo, sediado em Roma, e analisa a cena teatral européia.



O diretor Vania Castelfranchi durante workshop no Departamento de Artes Cênicas

Foto: Antônio Perri

Quem é

Vania Castelfranchi é formado em direção na Academia de Arte Dramática "Silvio d'Amico" de Roma, a mais importante da Itália. Em 1996 fundou o Grupo de Pesquisa Ygramul de Teatro Patafisico e Antropologia. Sua experiência como ator e diretor concentra-se no teatro antropológico, por meio de viagens e pesquisas. No Brasil, esteve com os índios guarani-kaiowá (Mato Grosso do Sul), e sateré-maué (Amazonas). Na África, com os povos africanos chewa e yaho (no Malawi). Esteve também na Indonésia, na ilha de Bali. Na Itália, suas pesquisas são desenvolvidas a partir da escritura de um método de "Esoteatro", e contínuos laboratórios e seminários de seu grupo promovidos no Teatro Ygramul, em Roma, inaugurado pela companhia em 2006.

Articolo del Giornalista Alvaro Kassab, pubblicato sul Giornale dell'Università di Campinas, San Paolo (Brasile), il 31 marzo 2008 (Tradotto e sintetizzato).

### "GLI ARCHETIPI DEL TEATRO ANTROPOLOGICO COSTRUISCONO IN SCENA UN LINGUAGGIO UNIVERSALE"

La ricerca anima il modo di fare teatro del regista, attore e dramaturgo Vania Castelfranchi. La concezione delle sue opere collettive è legata direttamente al teatro antropológico, ma – oltre a questo e forse proprio per questo – si fonde con molte e diverse fonti (dalla Commedia dell'Arte, a Beckett, Grotowski, Artaud; da Brecht a Brook)... Per amalgamare questa miriade di correnti di pensiero differenti, la maggior parte d'origine sperimentale, il regista ricorre alla radice universale degli archetipi della Fiaba, facendo migrare le

logiche millenarie delle Maschere italiane nei popoli indigeni brasiliani. Castelfranchi è stato nell'Università di Campinas dal 12 al 14 Marzo dirigendo un Workshop con gli studenti dell'Istituto d'Arte. Nell'intervista che segue il regista racconta le linee fondanti degli spettacoli creati col suo Gruppo, insediato a Roma, e analizza la scena teatrale europea.

**Quali sono, basilamente, le differenze tra il Teatro brasiliano e quello italiano?**

Il teatro brasiliano mostra molta più vitalità e colore. In Italia il Teatro conserva una lunga cultura, ma questa tradizione di oltre duemila anni pesa, incatena. Il bagaglio storico può essere un ottimo strumento di coscienza, ma manca l'energia necessaria a rivitalizzarlo. In Brasile, paese molto più giovane al livello teatrale, questo blocco non esiste, anzi la mistura di culture africane, indigene, europee, crea una peculiare forza rivoluzionaria. Questa energia è ottimale per la Ricerca.

(continua a pag. 2)

Diretor italiano funde elementos cênicos em workshop dirigido a alunos do Instituto de Artes

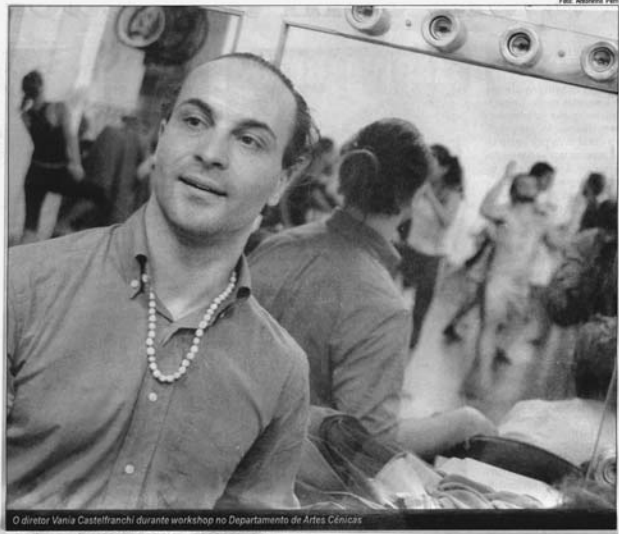
# Arquétipos do teatro antropológico põem em cena linguagem universal

Vania Castellfranchi si è formato come regista nell'Accademia d'Arte Drammatica "Silvio d'Amico" di Roma. Nel 1996 ha fondato il Gruppo di Ricerca e di Teatro Patafisico Ygramul. La sua esperienza come regista e attore è incentrata sul Teatro Antropologico, attraverso viaggi e ricerche. In Brasile con i popoli indigeni Guarani Kaiowà (Mato Grosso), Saterè Mawè (Amazzonia), in Africa con i Chewa e Yaho (Malawi), e nell'Isola di Bali. In Italia la sua ricerca si articola attraverso la scrittura del Metodo dell'Esoteatro, e tra i laboratori e i seminari promossi dal suo Gruppo Ygramul, nel Teatro inaugurato dalla compagnia stessa nel 2006.

ÁLVARO KASSAB

kassab@editoria.unicamp.br

A pesquisa move o teatro do diretor, ator e dramaturgo Vania Castellfranchi. A concepção de suas encenações coletivas está ligada diretamente ao teatro antropológico, mas — e até por isso — não deixa de absorver influências das mais diversas fontes — da Commedia dell'Arte a Beckett; de Grotowski a Artaud; de Brecht a Peter Brook. O envolvimento de Castellfranchi com a história do teatro é tão visceral que seu pré-nome é emprestado do personagem homônimo de Tchecov. A partir dessa miríade de correntes, a maioria de forte apelo experimental, o encenador recorre a arquétipos cujas raízes são universais, faz uma máscara milenar italiana misturar para tribos indígenas brasileiras. Castellfranchi esteve na Universidade, onde coordenou entre 12 e 14 de março um workshop dirigido a alunos do Instituto de Artes (IA). Na entrevista que segue, o diretor fala dos fundamentos dos espetáculos encenados por seu grupo, sediados em Roma, e analisa a cena teatral européia.



O diretor Vania Castellfranchi durante workshop no Departamento de Artes Cênicas

**Quem é**  
Vania Castellfranchi é formado em direção na Academia de Arte Dramática "Silvio d'Amico" de Roma, a mais importante da Itália. Em 1996 fundou o Grupo de Pesquisa Ygramul de Teatro Polifônico Antropológico. Sua experiência como ator e diretor concentra-se no teatro antropológico, por meio de viagens e pesquisas. No Brasil, esteve com os índios guarani-kaiowá (Mato Grosso do Sul), e saterè-mawè (Amazônia). Na África, com os povos africanos chewa e yaho (no Malawi). Esteve também na Indonésia, na Ilha de Bali. Na Itália, suas pesquisas são desenvolvidas a partir da escrita de "Esoteatro", e contínuas laboratórios e seminários de seu grupo promovidos no Teatro Ygramul, em Roma, inaugurado pela companhia em 2006.

(continua da pag. 1)

**Quali sono i punti più problematici?**  
Crede che viceversa in Brasile manchino le Radici. Nei lavori visti qui ho percepito la seria difficoltà, per attori e registi, di svolgere a pieno alcuni concetti poetici, di elaborarli, soprattutto quelle linee collegate al Teatro antico...

...Manca quindi un forte basamento storico, e per un regista questa è una sensazione nuova, estranea all'Italia.

**Come questa mancanza può essere risolta?**

Quando negli anni passati siamo andati in Mato Grosso del Sud, ad esempio, per lavorare nella riserva di Bororó, abbiamo mostrato agli studenti dell'Università di Dourados come i popoli indigeni posseggono le radici di una cultura teatrale millenaria, composta da danze, canti, racconti, ecc....

**Quali sono i concetti tratti dal teatro antropológico e che si mostrano nel percorso del suo Gruppo?**

Il Teatro antropológico fonde le differenti culture, in una certa forma riflettendo od anticipando la società; si tratta di sviluppare strumenti di osservazione, di sintesi, e costruire un'innovativa idea della Storia.

La nostra Avanguardia fa questo, genera un ponte con la tradizione. In Italia, ad esempio, in questo momento è molto importante la ricerca della memoria storica sul fascismo. Se si dimentica la dittatura fascista, il rischio che essa torni in auge non sarà mai scongiurato...

**Il lavoro del suo Gruppo fonde le influenze e i linguaggi di varie epoche ed origini. Come avviene questa scelta?**

**Jornal da Unicamp - Quais são, basicamente, as diferenças entre o teatro brasileiro e o italiano?**  
Vania Castellfranchi - O teatro brasileiro tem muito mais vitalidade, é mais colorido. Na Itália, há muita cultura, mas ela está alicerçada na estrutura, em dois mil anos de teatro. Trata-se de um ótimo instrumento, mas falta energia, que é um elemento essencial. No Brasil, país muito jovem, vejo que não existe esse bloqueio, até porque há uma mistura de culturas - africanas, indígenas, européia etc. Entendo que essas condições são muito peculiares, constituindo-se numa espécie de força revolucionária do teatro. Elas são ótimas para a pesquisa.

**JU - E os pontos, digamos, mais problemáticos?**  
Castellfranchi - Acho que falta raiz. Em alguns trabalhos que desenvolvi aqui, sentia dificuldade às vezes em explicar alguns conceitos, sobretudo aqueles referentes ao teatro antigo, mais clássico, muito embora, paradoxalmente, é justamente esse tipo de teatro que cause ruidos no processo criativo. No Brasil é tudo muito bonito, mas falta ainda um certo embasamento histórico. Para um diretor, isto causa estranhamento, uma sensação diferente.

**JU - Como isso pode ser trabalhado?**  
Castellfranchi - Quando estive no Mato Grosso do Sul, para trabalhar com o povo bororó, mostramos a eles a seus estudantes de uma universidade de Dourados que o povo indígena sempre contou com uma cultura teatral milenar - tem canto, dança e outras manifestações.

**JU - Qual o papel das referências clássicas no teatro contemporâneo?**

Castellfranchi - Se a pesquisa é voltada para o teatro moderno, mas se são poucos os referenciais históricos, o grupo vai somente refazer o mesmo percurso de dois mil anos atrás. Para que se chegue a algo novo, por mais paradoxal que pareça, é preciso ter bagagem. Na Itália, por exemplo, ocorre um fenômeno interessante. Existem muitos grupos modernos de pesquisa que, em razão dessa deficiência, não estão criando nada de novo. O que eles fazem é tão somente mudar a forma de encenação. Tanto para o diretor como para o ator, as mudanças são vitais. É importante criar como [Samuel] Beckett, [Antonin] Artaud, [João] Goulart, entre outras referências revolucionárias. A vanguarda olha a história que está por vir, mas invariavelmente caiçada nos movimentos que a antecederam. Não é possível fazê-la sem estar ligado ao passado.

**JU - Quais são os conceitos que norteiam o teatro antropológico desenvolvido por sua equipe?**  
Castellfranchi - O teatro antropológico mistura diferentes culturas. De uma certa forma, ele reflete a sociedade. Trata-se da capacidade de olhar, sintetizar e estudar uma determinada cultura, para que seja construída uma nova ideia de história. A verdadeira vanguarda tem somente a possibilidade de ser uma ponte com a história.

**JU - É importante dialogar com diferentes públicos, com pessoas que nunca foram ao teatro ou de diferentes níveis sociais, para ficar em dois exemplos.**

**JU - Em que medida essa proposta absorve elementos estéticos de vanguarda?**  
Castellfranchi - A estética é importante, mas é o menor dos problemas. Ela deve ser construída ao longo do trabalho. Para fazer uma comparação, ela é como a arquitetura. Há, por exemplo, muita estética nas favelas brasileiras. Todas aquelas vias que lá habitam passam por transformações. A arquitetura dos barracos é única no mundo. Acho que a estética não dá conta de explicar um ideal na sua totalidade. O mundo hoje é muito complicado, as referências são muitas. Acho, por exemplo, que Mozart é hoje mais contemporâneo esteticamente do que Tom Waits, embora, obviamente, os dois sejam ótimos.

**JU - O que pode surgir dessa profusão de referências?**  
Castellfranchi - Entendo que cada grupo está trabalhando a sua estética. Meu grupo, por exemplo, é reconhecido por apresentar coisas novas. Entretanto, se olharmos para o passado, salta aos olhos a recorrência das mudanças nas artes em geral, seja nas artes plásticas, na música ou no teatro.

**JU - O trabalho de seu grupo funde influências e linguagens de várias épocas e origens. De que maneira ocorre essa elaboração?**  
Castellfranchi - A concepção é coletiva. Trabalhamos o arquétipo

de uma lenda, cujas formas bebem em diferentes origens, mas a raiz é a mesma em todo o mundo. Na Itália, por exemplo, a gente trabalhou o arquétipo da figura do pai, porque há uma obra muito importante de [Pier Paolo] Pasolini que fala do poder do pai. Quando desenvolvemos um trabalho na Indonésia, em Bali, trabalhamos muito com a criança, já que a pesquisa estava voltada para o turismo sexual e a prostituição infantil. Queríamos mostrar às crianças esse mesmo arquétipo do poder masculino usando uma máscara que representava o demônio. Foi a forma que encontramos para narrar ao grupo uma lenda italiana. Nosso trabalho usa o canto de todo o mundo.

**JU - Qual o perfil do seu público na Itália?**  
Castellfranchi - Não são poucos aqueles que consideram estranha a pesquisa desenvolvida pelo grupo. Trabalhamos na rua, hospitais, presídios, escolas. Attingimos vários segmentos. Justamente por ser heterogêneo, não temos um público específico. Depois de dez anos de pesquisa e na volta de um trabalho relacionado à Aids desenvolvido na África Central, chegamos a conclusão que precisávamos de uma sede própria. Decidimos então organizar uma cooperativa para dar conta dessa produção multifacetada. Dessa maneira, com um teatro próprio, estamos formando nosso público, que pode ser também comercial, embora a pesquisa seja

sempre nossa prioridade. O teatro fica na periferia de Roma. Eugenio Barba, nosso mestre e criador do teatro antropológico, disse certa vez que sua pesquisa é destinada ao público que tem interesse em seu trabalho. O sucesso é o dinheiro são secundários.

**JU - Que avaliação você faz do teatro europeu contemporâneo?**  
Castellfranchi - São muitos os problemas, a começar da falta de dinheiro. Não há verbas para pesquisa, seja artística ou científica. A impressão que temos é a de que a pesquisa está morrendo em todo o continente. Isto é muito perigoso. Se a pesquisa não produz novidade, para ficar na minha cabeça, o teatro tende a se transformar em museu. Não há renovação do público, já que as montagens são cada vez mais convencionais. Sem pesquisa, o teatro autoral, de qualidade, não sobrevive, acaba apostando no estabelecido, sem apoiar na inovação.

**JU - Não existem tentativas para mudar esse estado de coisas?**  
Castellfranchi - Existem iniciativas isoladas na França, na Alemanha e na Itália. Assim como nosso grupo, algumas pequenas companhias se auto-organizam para promover festivais e redes de colaboração. Mas, confesso, é muito difícil. Sem dinheiro para a pesquisa, tudo fica mais complicado. Com verba, a investigação é aprofundada, não há prazo para a apresentação e/ou produção, ou seja, o espetáculo só é montado depois de concluídos os estudos.

**JU - Os festivais - como o de Avignon - são praticamente o único espaço de que dispõem os grupos mais comprometidos com mudanças. Por outro lado, por serem off, os profissionais não ganham nada. Participamos por amor à arte, para mostrar que a cultura teatral continua muito viva.**

escuela oltre che in Teatro. Con questa eterogeneità non creiamo quindi un pubblico specifico. Dopo dieci anni di lavoro e una ricerca in africa centrale sul tema dell'Aids, siamo arrivati alla conclusione che il gruppo necessita una propria sede. Così abbiamo creato una sorta di Cooperativa per proteggere questa produzione sfaccettata, e solo in questo modo stiamo cominciando a riunire il nostro pubblico, che può essere sia 'commerciale' che d'avanguardia; resta però centrale l'interesse sulla nostra ricerca, il ritorno economico o d'immagine è totalmente secondario, è giunto per noi il momento (di cui il maestro Eugenio Barba parla in molti dei suoi testi) in cui si formi non il pubblico di massa ma solo un Pubblico che ci scelga...

**PARA SABER MAIS**  
www.ygramul.net  
info@ygramul.net

## un'aquila

Maestosa vola ma nessuno sa perche' va a certe altezze.

Sappiamo che, essendo una predatrice, cerca cibo. Mi viene di pensare che questi voli meravigliosi celano una ricerca e si trovino in mezzo a leggi precise, che sono al di sopra delle leggi umane, e che sicuramente captano con strumenti diversi da noi. Poiche' il loro volteggio lo avvicinano ad un canto, ad un' armonia, che solo in certi momenti magici si riesce a comprendere.

Questo pensiero mi e' venuto, vedendo un' aquila, ferma su un bastone .

Non si capiva perche' stava ferma. Forse aspettava la primavera? Non lo so. Ma improvvisamente ha ripreso il volo, in alto. Le sue ali si erano riaperte, il suo volo all' inizio lento, ha ripreso la vita nei cieli.

/ Questo mi ha fatto pensare a Ygramul, in questo momento di riflessione. /

/ Ma gia' vedo l' aquila Ygramul riprendere il suo volo. Determinata. Energica. Con tanta gioia di andare avanti./

/ Con le sue sicurezze, con l' amore per il teatro./

/ E' come disse un grande imperatore - perche' - Tutto e' mosso da Amore. /

Maria Concetta Arcioni

## Editoriale

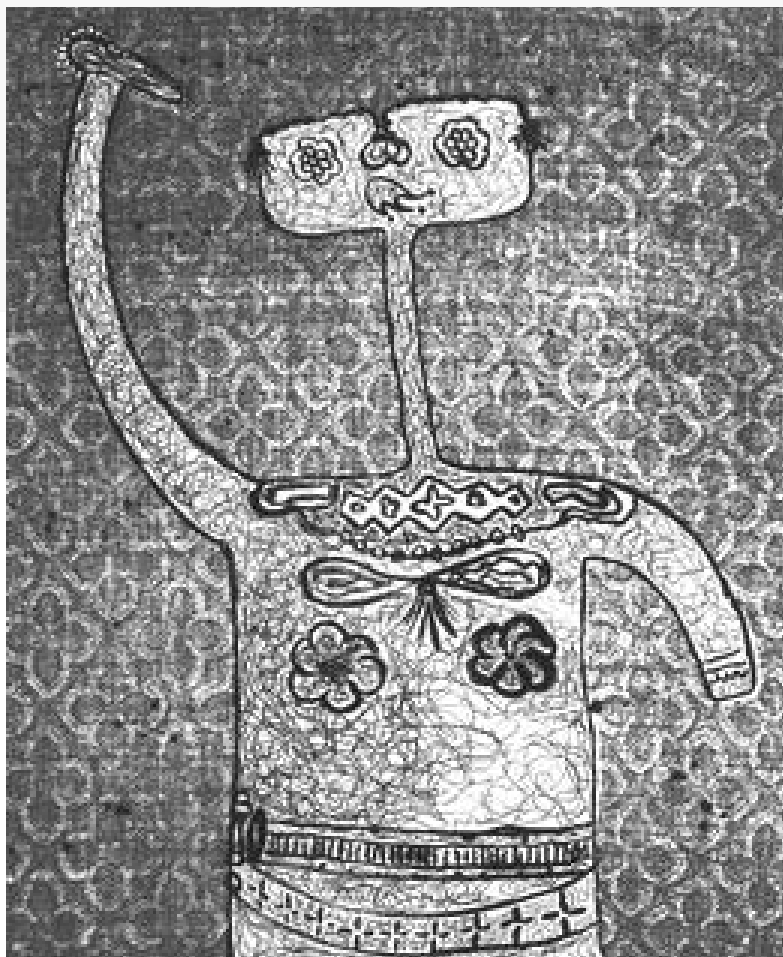


Illustrazione di Enrico Baj

Seguitano i vocaboli che, attraverso un lento passaparola, da Teatrerie in Teatrerie, potranno dare al pubblico ygramullesco una migliore idea delle molteplici radici che animano la nostra Ricerca Patafisica.

Ad ogni numero porteremo avanti alcuni concetti (spiegati molto sinteticamente ma con facile chiarezza, scusandoci sin d'ora per la riduttività e l'eventuale banalità) e aggiungeremo i relativi riferimenti Bibliografici, più che altro per stimolare i nostri lettori a conoscere l'universo nascosto in Italia dietro la Ricerca.

■ **Antropologia Teatrale:** idea formulata e sviluppata principalmente da Eugenio Barba, dagli anni '70 in poi ed esposta nei molti testi e videodocumentari pubblicati da questo maestro. Nel fondamento della ricerca antropologica si centra l'attenzione sul corpo dell'attore, sulla sua esperienza fisica/mentale di viaggio, sul percorso che lo conduca al baratto profondo dei suoi strumenti attoriali, come della sua cultura e coscienza individuale, non soltanto con una drammaturgia od un piano registico, ma con un universo culturale distante e alieno... con fisicità e organicità teatrali a lui estranee, con forme sempre nuove della spettacolarizzazione, per generare un'innovativa 'cerimonia' del Teatro che conservi il sincretismo e la complessità del Reale. (Si consigliano molti e diversi testi da 'Manuale di Antropologia Teatrale', a 'La Canoa di Carta', al 'Metodo dell'Attore per un'Antropologia Teatrale', 'Odin Teatret', ecc).

venerdì 18 aprile

ore 20:00

### TZIG TZIG

Un viaggio all'interno della cultura ROM, per conoscere musiche, danze, poesie e specialità culinarie di questo variopinto popolo. Interverranno artisti del campo ROM di via Candoni. All'interno della serata concerto dei **Cocteil Romengo**.

sabato 19 aprile

ore 14:00

### VOLONTARIATO IN AFRICA!

Meeting-conferenza sui progetti e dei programmi di volontariato indetta dal movimento internazionale umanitario "Humana People to People" e da "The School Centre in Tvind" (Denmark).

ore 18:00

### MONDO FIABA [Ygramul LeMilleMolte]

con **Vania Castelfranchi, Monica Crotti, Massimo Cusato, Paolo Parente, Antonio Sinisi, Aida Tallienti**

musiche dal vivo: **Daniele Pittacci** / regia patafisica: **Vania Castelfranchi**  
Spettacolo per bambini/e e adulti costruito sulla narrazione di fiabe e storie provenienti da quattro differenti terre del mondo: favole africane, racconti dal sud del Brasile, leggende dell'Amazzonia e canti e storie balinesi. La narrazione viene giocata con il pubblico in un'interazione continua, alternata da musiche, danze, immagini e oggetti dei popoli Guarani Kaiowà, Saterè Mawè, Chewa e Yaho e le maschere di Bali.

ore 22:00

### KARMABLUE - Desideri di Acquadanze / concerto-performance

**Ombretta Rosi** voce solista, **Giacomo Caruso** chitarre, **Fabio Del Pinto** basso, **Lino Mesina** batteria / voci recitanti **Andrea Caschetto, Valentina Greco, Gabriele Tacchi** / **Vania Castelfranchi**, direzione patafisica  
Concerto spettacolo che fonde le ultime creazioni musicali di questo gruppo di ricerca sonora, con i testi di viaggio della scrittrice Gloria Imperato, alla ricerca di nuovi punti di vista e di nuove logiche di ritorno, sul Brasile come sui molti 'sud' del mondo.

domenica 20 e lunedì 21 aprile

ore 21:00

### VERSI TRIBELLINI [Teatro Ygramul]

affabulanti **Massimo Cusato, Antonio Sinisi**

musicante **Daniele Pittacci**

Passeggiata romanesca di letture, improvvisazioni e freddure basate sull'intreccio drammaturgico dei grandi poeti Trilussa e Belli, sui racconti di vita di Pasolini. Tanto per vedere che la società non è per nulla cambiata da un secolo all'altro...

### domenica 20 al termine dello spettacolo

**CENA SOCIALE** - l'ingresso per la cena + lo spettacolo è 20 euro.  
Prenotazione al numero 339 8524083.

martedì 22 aprile

ore 21:00

### ANDREOLI DI NAZARETH [Circo Bordeaux]

di e con **Marco Andreoli**

Questo non è uno spettacolo. Questo è piuttosto un block-notes; messo in piedi con l'unico scopo che qualcuno, oltre Lui, possa buttarci l'occhio. Nate non più dal cuore di un attore, ma dalla mente insicura di un povero cristo, che La Bibbia se l'è letta; e se l'è letta di gusto, come fosse Tolstoj. Ad esempio, non ci hanno detto che La Bibbia è piena di storie d'amore; e che è piena di sangue e di poesia; e che, d'altro canto, non c'è menzione, in nessun luogo, né del Purgatorio né del Papa. <http://andreolidinazareth.myblog.it>

Ingresso ad ogni serata 5 euro + tessera associativa annuale (3 euro)

Per informazioni e prenotazioni: [info@ygramul.net](mailto:info@ygramul.net) / 331 4703950

sabato 24 maggio / ore 22:00

### ADALE / concerto

Paolo Martore bass / Fabrizio D'Alisera sax / Luca Giachi guitar / Andrea Nicolè drums / Stock Parish keyboards

Adale si muove al confine di più generi, come funk, rock e jazz, in cui sono riscontrabili richiami ai Weather Report, Area, Lunge Lizards e John Zorn.

domenica 25 maggio / ore 21:00

### DUX IN SCATOLA / AUTOBIOGRAFIA D'OLTRETOMBA DI

**MUSSOLINI BENITO** [amnesia vivace / Rialto Sant' Ambrogio / Ubusetete]

di e con **Daniele Timpano** / drammaturgia, regia, interpretazione di **D. Timpano** / collaborazione artistica **V. Cannizzaro** e **G. Linari**

foto di scena di **V. Cruciani** / organizzazione di **M.R. Parisi**  
Un attore racconta in prima persona le rocambolesche vicende del corpo del duce.

lunedì 26 maggio / ore 21:00/

### MAMOLE E BULI [Teatro Ygramul]

di e con **Monica Crotti, Massimo Cusato** / testi: **Giovanni Poli**

La condizione della donna pubblica nella Venezia del '500 in uno spettacolo a quadri.

martedì 27 maggio / ore 22:00

### REDSTRIPES / CONCERTO

Bunzy batteria / Marcello basso / Santo voce / Redman chitarra ritmica  
Shaggy chitarra solista / Daniele tastiere / Federica e Fabiana cori  
Red Stripes nascono grazie all'incontro di alcuni ragazzi con la passione per la musica Reggae e lo stesso messaggio di ribellione. Bless You Red Stripes.

dal 18

al 27 aprile

mercoledì 23 aprile

ore 21:00

### UNA NOTTE DEL '43

con **Alberto Onofrietti** / regia **Alessandro Loi**

La vicenda è evocata dalla parola, suggestione, immagini mentali e immagini visive, che lasciano una traccia indelebile sulla retina. Da un lato la Ferrara del '43., dipinta da Bassoni, dall'altro, la Ferrara di oggi trasmutata in bianco e nero dai tagli trasversali.

giovedì 24 aprile

ore 21:00

### VAPCI VUPCI [TPA / Teatro Piccolo L'Aquila]

con **Rita Superbi** e **Simona Sanzò**

Spettacolo di Cabaret surreale esilarante demenziale dove si irride una società dove non c'è più un ordine al servizio dell'uomo ma uomini al servizio di un ordine. È uno spettacolo divertente ispirato al comico bavarese Karl Valentin. Tra scene irresistibili, demenziali e assurde, accompagnate dalle musiche dal vivo eseguite dalle stesse attrici, anche il pubblico verrà coinvolto e sarà invitato a partecipare con il suo entusiasmo e il suo...gusto!

venerdì 25 aprile

ore 21:00

### VILLA CAOS / ovvero allora del thé in casa Lori

[TPA / Teatro Piccolo L'Aquila - Teatrabile]

di **Antonello Santarelli** e **Luigi Verini**

con **Rossella Teramano** e **Luigi Verini** / regia: **Luigi Verini**

Lo spettacolo nasce da riflessioni su due temi pirandelliani, "Enrico IV" e "Tutto per bene". I due protagonisti, Enrico IV appunto e Martino Lori, altro non sono che due facce di un unico personaggio. "Più di una correlazione si stabilisce tra "Tutto per bene" e il successivo "Enrico IV". In entrambi i testi un accadimento (una disgrazia o una colpa, una caduta da cavallo o una donna... caduta!) è dato come irrimediabile, passato, finito, contro cui non è più possibile reagire, protestare, opporsi.

sabato 26 aprile

ore 21:00

### MASTRO GATTO E I SUOI STIVALI [TPA / Teatro Piccolo L'Aquila]

di **Antonello Santarelli** / con **Roberto Mascioletti** e **Roberta Bucci**  
regia: **Antonello Santarelli**

Lo spettacolo mantiene inalterata la struttura di base della fiaba originale di C. Perrault, ci sono: il giovane, il re, la principessa, l'orco, ma soprattutto il gatto e la sua astuzia. La chiave dello spettacolo è incentrata sul personaggio spietato del gatto, che utilizza il giovane ingenuotto come fantoccio per raggiungere, non tanto il potere a cui non è interessato (avere potere significa anche avere responsabilità), quanto una ricchezza deresponsabilizzata da godere senza ulteriori fatiche.

domenica 27 aprile

ore 21:00

### FLORILEGIO

Letture recitate da **Raffaele Bersani**

"La Lupa", G. Verga - da "Vita dei campi"; "A livella", A. De Curtis; "Orlando e Gaiina alla ricerca della porta del paradiso", G. Scabia da "Teatro con bosco e animali"; "Smarita", V. Cecchini; "Il raccolto", A. Lowell; "La riunione", N. Perdetti da "L'astronomo".

TEATRO YGRAMUL

via n.m. nicolai, 14 - roma

rassegna  
di teatro e musica

dal 24  
al 31 MAGGIO

mercoledì 28 / ore 21:00

### DIO FALLITO IN PARTENZA

scritto da **Cecilia Nocella** / con **Cecilia Nocella** e **Luigi Ciccaglione** / luci **Sara Cangemi**  
Uno spazio vuoto. Tre specchi che scendono dal soffitto. Una sedia in un angolo e una scatola, sotto uno degli specchi. Solo una donna con la testa infilata in un secchio.

giovedì 29 maggio / ore 21:00

### CERCHIO + CROCE [Teatro Ygramul]

di e con **Chiara Visca** / scenografie **Fiammetta Mandich**  
Liberamente tratto da un poema radiofonico di **Sylvia Plath**, uno studio sul femminile e sul cruciale momento in cui si genera un'altra vita.

venerdì 30 maggio / ore 21:00

### FESTIVAL DI SAN CLETO

Per il secondo anno, il Teatro Ygramul è onorato di poter ospitare il Festival di S. Cleto. Per esibirsi al Festival di San Cleto scrivere alla direzione artistica [pape@ygramul.net](mailto:pape@ygramul.net).

sabato 31 maggio / ore 18:00 [ingresso 3 euro + tessera]

### RISVEGLIO IN UNA NOTTE DI MEZZA ESTATE

ovvero commedia di sorrisi, disegni, urla e vite sognanti

[Laboratorio C.I.M. - CiononostanteMidiverto]

Il laboratorio C.I.M. (ciononostanteMidiverto), al suo settimo spettacolo patafisico. Partecipate al sogno, per non temere più il risveglio!